

RENATE ROHKOHL DIETRICH  
Alamêda Duque de Caxias, 90



# Blumênau

*em Cadernos*

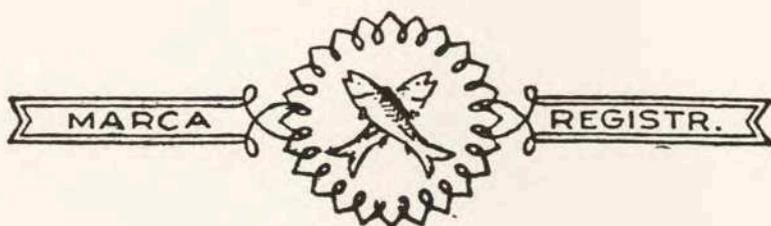
TOMO X - ★ FEVEREIRO DE 1969 ★ - Nº. 2

INDÚSTRIA TÊXTIL

# Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil  
RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, N.º. 1

TELEGR.: «TRICOT»



**FÁBRICA DE:**

**ARTEFATOS DE MALHA**

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

# Blumenau

## em Cadernos

T O M O X - ★ FEVEREIRO DE 1969 ★ - N.º 2

### Taió Cinqüentenária - Taió Centenária

Rolf ODEBRECHT

Nota: O presente trabalho foi elaborado em junho de 1967 e no mesmo mês entregue em mãos à "Comissão de Festejos do Cinqüentenário da Colonização de Taió", ressalvadas pequenas modificações que foram introduzidas posteriormente. A Comissão de Festejos, todavia, deixou de aproveitá-lo por razões que seu autor desconhece. O trabalho foi, no entanto, incluído nos anais da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, em agosto de 1967, quando foi aproveitado na sua íntegra em discurso proferido pelo deputado, Sr. João Bértoli.

Em alguns dias Taió festejará seu cingüentenário de colonização, cingüentenário de fundação na voz do povo. Coincide que exatamente cingüenta anos antes do início da colonização de Taió, ou seja há 100 anos passados, o primeiro grupo de homens brancos acampou no local onde hoje se ergue a simpática e próspera cidade de Taió. Por esta razão sugerimos à Comissão de Festejos no mês em curso que, tendo em vista a bela coincidência de fatos históricos, faça uma festa dupla: a do "Cingüentenário da Colonização e do Centenário da Descoberta da Região".

A história de Taió começa em julho de 1867. Foi em fins do mencionado mês e ano que a terceira expedição ao Alto Vale do Itajaí, organizada pelos dirigentes da "Kolonie Blumenau", partindo dos campos de Curitiba transpôs a Serra Geral e, seguindo pelo vale do Rio Taió, acampou em lugar próximo à confluência dos rios Itajaí do Oeste e Taió, ponto em que 50 anos mais tarde seria iniciada a colonização de Taió e a fundação da cidade do mesmo nome. Mencionado seja aqui que a primeira expedição realizada em 1863, foi um sucesso absoluto embora seu intento de alcançar o Alto Vale não tenha sido coroado de pleno êxito.

A partir daquele mês e ano, julho/agosto de 1867, o vale do Rio Taió e a barra do Rio Taió passaram a constituir assunto de conversa na "Kolonie Blumenau" e no Palácio do Govêrno em Florianópolis; passaram a figurar de apontamentos feitos pelo engenheiro e chefe da expedição; passaram a figurar em mapas expeditos que foram desenhados e organizados em Blumenau, eram mencionados em longos e precisos relatórios que ainda há poucos anos se encontravam nos arquivos da Prefeitura de Blumenau (desapareceram

por ocasião do incêndio que destruiu tôda documentação histórica).

Em julho de 1867 Taió conheceu o primeiro homem branco. Taió conheceu o primeiro machado, a primeira foice, o primeiro facão. Em fins de julho de 1867 foi feita a primeira roçadazinha na mata virgem para um acampamento hospitaleiro e o lugar deu pouso aos primeiros homens brancos, sete destemidos pioneiros. Em julho de 1867 o Vale do Rio Taió ouviu as primeiras palavras do homem branco e ouviu, também, os primeiros tiros de espingarda, ocasião em que foram abatidas as primeiras jacutingas com tiros de pólvora e chumbo;

Enfim, a partir de julho de 1867 Taió fazia parte do mundo descoberto, a região de Taió era uma realidade.

A história de Taió, a história do Vale do Itajaí, é um desfiar de fatos pontilhados de bravura, abnegação, operosidade e idealismo. Necessário é que seu povo se torne merecedor da herança de valores morais e espirituais que lhe legaram seus antepassados, tornando-se guardião da história de sua terra, levando-a ao conhecimento de seus filhos, impedindo que se percam episódios vividos, documentos e depoimentos históricos.

A história de sua terra e de seus antepassados são a base da formação da personalidade do cidadão. Povo sem tradição é indivíduo sem memória: não sabe quem é, nem de onde vem, nem para onde vai. Fica sôlto no espaço e no tempo, sem raízes que lhe dêem apôio para firmar sua posição na história, e sem seiva vital que lhe vivifique a arremetida sem sentido no progresso. O ministro de estado e magnífico reitor Pedro Calmon assim se expressou em determinada ocasião: sômente é feliz um povo que sabe perpetuar na posteridade as tradições e os costumes recebidos dos seus antepassados.

Em nosso trabalho histórico sôbre os primeiros 50 anos do Alto Vale do Itajaí, no prelo, expressamo-nos da seguinte maneira sôbre as três primeiras expedições de trabalho e estudo à região alta do Rio Itajaí-Açu:

### **Primeira Expedição ao Alto Vale do Itajaí**

Há mais de 100 anos atrás, em meados de fevereiro de 1863, o primeiro homem branco, na pessoa do engenheiro Emil Odebrecht, tenta romper as selvas do Alto Vale. Chefiava êle a expedição pioneira que teve como meta o estudo preliminar das condições do Alto Vale e das nascentes dos seus rios. É possível que antes dêsse cartógrafo destemido algum aventureiro ou caçador tivesse penetrado na região visando riquezas naturais ou a caça, sem intuito, porém, de observar a zona e não deixando assentamentos escritos nem relatos verbais.

A iníciativa nascera dos entendimentos havidos entre o Dr. Blumenau, o Sr. Wendeburg, o Eng<sup>o</sup>. Odebrecht e outros líderes da recém-fundada Colônia Blumenau, homens que seguidamente discutiam planos de penetração ao interior, com o fito principal de estabelecer contato com as vilas do planalto catarinense, com os habitantes dos campos gerais. Em fins de 1862, após acertado de como seria financiada a expedição, iniciou-se a preparação e sua partida foi marcada para o mês de janeiro. A clarividência e o espírito progressista da administração da jovem colônia são um fato que ainda hoje merece tôda admiração.

No diário de Emil Odebrecht consta que em 12 de fevereiro de 1863

foi vencido o Salto pela expedição. O Salto ao qual se refere por certo é o salto Pilão e assim sendo trata-se da primeira penetração no Alto Vale. Com a descoberta do Salto Pilão, no dia 12 de fevereiro de 1863, começa a história do Alto Vale do Itajaí. Trata-se de data marcante para os 16 municípios situados entre Riachuelo e os contra-fortes da Serra Geral. Em seu diário Emil Odebrecht gravou com as seguintes palavras os principais fatos registrados na memorável viagem de estudos Blumenau-Salto, cuja duração foi de 4 semanas sem computar a volta:

“Colônia Blumenau, 14.1.1863, partida. Salto Grande (o atual Salto Weissbach) foi o primeiro entrave maior, conseguimos transpô-lo sem acidentes graças à assistência prestada pelos homens enviados pelo Sr. Gaertner (sobrinho do Dr. Blumenau). Por volta das duas horas chegávamos à foz do Rio do Têsto. Revendo todo material constatei a falta de um volume de 20 kg de munição, provavelmente esquecido numa baldeação na transposição do Salto Grande. Dei instruções no sentido de que fosse recuperado o saco faltante. À tarde fiz medições de altitude, tendo-as comparado com as medições e observações feitas um dia antes na foz do Rio Garcia. Dia 15 de janeiro, ao amanhecer, depois de tomar uma refeição frugal na casa de Gustav Meuche (Badenfurt), baldeamos nosso material para a canoa de cedro e deixamos a segunda, que era menor, para a bagagem dos operários, inclusive dois sacos de farinha. Mesmo assim esperamos algum tempo em Encano pelo pessoal que havia ido à procura da munição estraviada. Também aqui fiz as necessárias medições, bem como observações meteorológicas. Só após a chegada do estafeta mandado ao Rio Garcia em busca de nova munição a viagem prosseguiu sem interrupção até a foz do Rio Benedito (Indaial). Uma trovoadá desabou com forte e breve aguaceiro sôbre nós, agasalhamo-nos sob denso matagal e felizmente não nos molhamos muito. Dia 16 de janeiro, quando hoje nos despedimos do pessoal enviado pelo Sr. Gaertner com o fim de nos ajudar na transposição das quedas e ramos do rio até aqui conhecidos, pareceu como se o fato de nós nos despedirmos da civilização - aqui residia o último morador - tivesse desacorçoado os meus companheiros (4 colonos alemães e 4 soldados brasileiros). Foi preciso um bando de jacu-açu, que cruzou o rio, fazer voltar a animação de antes”.

Mais adiante o diário continua: “...neste dia abatemos 12 jacu-açu e uma jacutinga e pescamos 11 traíras. A canôa com os quatro soldados, se ben quase sem bagagem, chegou com atraso de meia hora”. No dia 17, que era sábado, o diário fala da foz do Rio Morto, sôbre corredeiras do Rio Itajaí, vegetação, qualidade das terras, um vento sul frio e sôbre a boa caça e pesca do dia.

“Dia 18 de janeiro, o rio hoje mudou completamente de feição. Ontem calmo entre as duas cascatas, apresenta-se-nos hoje cheio de corredeiras, tanto que o prosseguimento se tornou penoso. Por volta do meio dia encontramos um trecho imprensado entre enormes montanhas de pura rocha, o rio media só 20 braças de largura (44 metros). Vez por outra descarregamos as canoas e as arrastamos por terra, por picadas previamente abertas, a fim de vencermos o turbilhão de águas espumejantes. Às duas horas da tarde, exaustos, montamos acampamento e aproveitamos as horas seguintes para a secagem dos mantimentos, principalmente da carne-sêca. À margem direita do rio, defronte ao nosso acampamento vê-se um morro escalavrado, em parte coberto de samambaia (o atual Morro Pelado). O traçado de estrada de rodagem aqui será

difícil. A possibilidade de contornar as montanhas é provável ou mesmo certa quanto à margem direita. Hoje vimos a primeira capivara, que escapou com vida por não lhe termos dado caça”.

Para quem conhece o Vale do Itajaí impressiona a seguinte parte do diário: “O traçado da estrada de rodagem aqui será difícil. A possibilidade de contornar as montanhas é provável ou mesmo certa quanto à margem direita”. Em verdade a primeira estrada de rodagem construída e que serviu até há poucos anos passa pela margem direita; a estrada de ferro optou igualmente pela margem direita. A moderna e asfaltada rodovia SC-23 deveria seguir exclusivamente pela margem esquerda do rio Itajaí-Açu, mister porém se tornaram duas pontes na zona do Morro Pelado, pelas quais a estrada passa pela margem direita e, a seguir, volta para a esquerda, de tão difícil que se aligura a margem esquerda para a construção de uma estrada. Interessante é mencionar aqui que o Morro Pelado portou no seu cume, durante muitos decênios, uma bandeira triangular de ferro batido que ali fôra colocada por Elgar O. Jembrecht. Desconhece o autor porque motivo e por quem a bandeira-flâmula foi substituída por uma cruz em meados de 1967.

No dia 19 o diário registra que a canoa dos quatro soldados fôra sorvida pelas águas, perdendo-se tôdas as provisões nela contidas: talheres, armas, mantimentos, roupas, etc. O acidentado trajeto de Morro Pelado ao Salto, transposto no dia 12 de fevereiro, levou três semanas. Foi trabalho penoso: conduzir as canoas contra o turbilhão de águas, pular de pedra em pedra, abrir picadas pelos acidentados barrancos laterais para depois arrastar as canoas, etc. O contato com os silvícolas foi estabelecido diversas vezes, mas nunca Emil O. Jembrecht permitiu que se lhes hostilizassem. Depois do dia 12 de fevereiro a expedição regressou por esgotamento físico, doença, fome e falta de munição.

### **Segunda e Terceira Expedições ao Alto Vale**

Em maio de 1864 foi levada a bom termo uma segunda expedição. Seus dirigentes eram Emil O. Jembrecht e Heinrich Kreplin. O. Jembrecht e Kreplin eram conferrâneos, estudantes ainda imigraram em 1856, retornaram a seguir ao seu torrão natal para completar os estudos na Universidade de Greifswald, e imigraram uma segunda vez aportando na barra do Rio Garcia na antevéspera do Natal de 1859.

Nessa ocasião, em maio de 1864 com alguma experiência e sem o fardo de companheiros que dificultassem a árdua tarefa, a selva foi rompida até a Serra Geral. Foram reconhecidas diversas nascentes de rios, foram feitas observações sobre a qualidade dos solos, sobre a flora e a fauna, e ainda foram colhidos elementos para a localização da futura estrada rumo ao planalto. Em maio de 1864 os primeiros homens brancos chegaram à confluência dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, fizeram verificações e os apontamentos que julgaram necessários. Trata-se de data histórica, data de importância para Rio do Sul e para o Alto Vale. Há três anos atrás, em maio de 1964, transcorreu a memorável data do primeiro centenário da descoberta da região e de Rio do Sul.

A terceira expedição ao Alto Vale foi realizada em 1867. O engenheiro O. Jembrecht voltara da Guerra do Paraguai - para onde fôra como voluntário e onde participou de combates fluviais. Após algumas conferências havidas

com o Sr. Wendeburg, substituto eventual do Dr. Blumenau, fixou o seguinte itinerário: Blumenau, Itajaí, Estreito, Bom Retiro, Lages, Curitiba e finalmente Blumenau pelo vale do rio. Na ocasião o Dr. Blumenau se encontrava em Paris, onde organizou o "stand" na Exposição Mundial, com amostras de produtos e quadros estatísticos sobre a colônia, tendo o júri lhe conferido um diploma de honra, uma medalha de ouro e dez mil francos em dinheiro.

A finalidade principal dessa terceira expedição, que partiu da "Kolonie Blumenau" no dia 8 de maio de 1857, era a de abrir uma passagem (picada) para o planalto que servisse de referência para encontrar mais tarde o melhor e mais curto traçado para o picadão definitivo. Para isso era preciso assentar os instrumentos nos pontos inicial, final e em alguns intermediários. Por meio de uma triangulação, serviço para o qual são usadas três estrélas conhecidas (inclusive de sua posição exata naquele dia) razão porque só pode ser efetuado em noite de céu limpo, foi preciso determinar os pontos e assentá-los numa fôlha de papel.

Uma vez vencido o trajeto Blumenau-Estreito-Lages-Curitiba, parte em barco e parte em lombo de burro, a expedição chegara ao ponto inicial de seu trabalho propriamente dito. Em Curitiba os homens pousaram na fazenda de Lucindo Alves, de onde Büttner, pessoa encarregada de voltar com os muares, retornou para Blumenau via Lages e Estreito.

Uma vez determinado o ponto em que se encontravam e feito o devido assentamento no papel a expedição deu início à difícil tarefa. Eram eles: Franz Mathias, Wilhelm Michels, Ernst Seide, Klaus Harbs, Progmann, Karl Grabe e Emil Odebrecht, cada qual carregava um fardo de 45 kg, sob intenso frio, munidos de facão, foice, machado, mantimentos e espingardas, deram partida para descobrir uma região inteiramente nova.

Após 35 dias de marcha e dificuldades de toda espécie - encontros com botocudos (os índios da região eram da tribo xocléng do grupo tupi, também chamados de coroados), onças, chuvas, geadas, munição escasseando e vivendo sob densa mata sem uma clareira pela qual pudessem avistar os raios de sol - chegaram exaustos e emagrecidos à confluência de dois grandes rios, provavelmente o Itajaí-Açú e o Hercílio, lugar em que a expedição fez um pouso alegre e cheio de otimismo. Há mais de dez dias estiveram sem mantimentos (farinha, café, açúcar, pinga), vivendo e trabalhando em condições precárias, e neste lugar previamente combinado encontraram depois de demorada procura o fardo de provisões enviado pelo Sr. Wendeburg. O componente da expedição Wilhelm Michels assim se expressou sobre a chegada ao referido lugar: "Soltamos um grito de alegria ao encontrarmos um ranquinho com carne-sêca, café, feijão, sal, açúcar, farinha e cachaça. Pegamos nos pratos de fôlha, misturamos farinha com água do rio e nos sentimos a gente mais feliz do mundo. Foi a farinha mais gostosa que comi na minha vida. Alguns queriam repetir o prato, mas o engenheiro Odebrecht não consentiu, receiava que o nosso estômago enfraquecido se revoltasse. Em seguida, com alguns tragos de cana, algumas jacutingas gordas e boa feijoada, comemos como reis". Os homens ficaram conversando até altas horas da noite e depois de deitados não puderam pegar no sono, tamanha era a alegria. Riam de contentamento, haviam vencido árdua tarefa. em breve iriam-se encontrar com seus familiares e amigos às margens dos rios Garcia e Velha. Os homens por vêzes haviam duvidado da agulha imantada, dos complicados instrumentos de

seu chefe e por vêzes duvidaram mesmo das afirmações e dos esdrúxulos cálculos do Dr. Odebrecht. Agora realmente tinham certeza de que o trajeto seguido foi certo, de que o engenheiro tinha razão, e de que não se encontravam perdidos em imensa mata da América da Sul. Sabiam que seu chefe não tencionava cercar os paraguaios para guerreá-los. Naquele dia tudo foi motivo para mais um trago da gostosa cana.

O primeiro homem branco encontrado pela expedição, desde a fazenda de Lucindo Alves, foi Friedenreich (avô do ex-rei do futebol brasileiro, de mais ou menos 40 anos atrás) com alguns companheiros, que vinham à procura da mesma, enviados pela direção da Colônia Blumenau. O encontro se deu na barra do Rio Ilse, lugar em que foi realizado um pouso alegre e cheio de otimismo - muitas aventuras havia para contar. No dia seguinte os componentes da expedição embarcaram na "confortável" canoa de Friedenreich e se deixaram levar pelas águas amigas do Rio Itajaí-Açu. As costas dos homens ficaram aliviadas das incômodas mochilas e dos pesados instrumentos de medição. Foi um repouso remar a canoa do Rio Ilse até Blumenau. Na viagem de canoa os homens da expedição pouco falaram, seus pensamentos estavam voltados para os familiares, para os amigos. Na mente faziam planos para o futuro. A experiência e a aventura foram grandes.

Com júbilo foram recebidos em Blumenau no dia 3 de agosto, após 87 dias de viagem.

Importante trabalho para a posteridade realizou Frei Estanislau Schætte O.F.M. ao inquirir em 1930 Wilhelm Michels, o último sobrevivente da expedição. Trata-se de pitorescos relatos e de valor inestimável.

De importância é mencionar ainda que a expedição usou na sua longa caminhada o vale do Rio Taió e não o do Rio Pombinhas, pelo qual o engenheiro Odebrecht subiu alguns anos mais tarde para alcançar Curitiba. Ambos os traçados dos trajetos são de uma lógica impressionante. Em junho de 1867 o citado engenheiro, de posse das coordenadas de Blumenau, de um ponto do Alto Vale do Itajaí (Rio do Sul, Barra do Trombudo ou outro dos arredores) e determinando as de Curitiba, ligou os três pontos no papel por meio de duas linhas retas e procurou fazer a caminhada, dentro das possibilidades, seguindo as linhas traçadas. A direção era leste, o azimute aproximadamente 85 graus. Com o azimute calculado em Curitiba a expedição alcançou as bases do Morro do Funil, caminhando por campos. A seguir passou a usar os cursos d'água ao que tudo indica. No seu trajeto no planalto evidentemente evitou os matos e os rios. Provavelmente passou perto do atual lugarejo de São Critóvão do Sul, usando o espigão divisor de águas dos rios Marombas e Cachorro, depois o do Marombas e Águas Pretas. É uma incógnita se a expedição contornou o Morro do Funil pela encosta norte ou pela sul. Caso tenha usado o trajeto pela face norte do Morro do Funil alcançou, a seguir, o Rio da Serra ou o Rio Taiózinho, na atual zona de Pinhalzinho, no município de Taió, sendo aquêle afluente dêste e ês e do Rio Taió. No segundo caso, isto é, se foi usada a vertente sul do mencionado morro a expedição alcançou o Rio Morcegueira, o Rio Paleta e a seguir o Rio Taió.

A exploração e locação da estrada Blumenau Curitiba, outro fato que tem estreita ligação com a história do Alto Vale do Itajaí, também esteve a cargo do engenheiro Odebrecht. O trabalho foi realizado no ano de 1872 e o trajeto usado a partir de Rio do Sul foi o seguinte: Rio do Sul, Barra

do Trombudo, Bracatinga, Morro do Timbé, Pouso da Caixa, Pouso do Cêsto, Pouso Redondo, Vale do Rio Pombinhas até a altura em que atualmente se encontra a capela e a escola, a seguir ultrapassou o divisor das águas e passou a usar o vale do Alto Rio Morcegueira, na zona da Serra do Ilhéu, e contornou o Morro do Funil pela encosta sul até atingir a zona de campos.

Impressionante é que a moderna Rodovia SC-23, que se acha em construção e que foi iniciada em 1957, segue o mesmíssimo trajeto, qual seja: Rio do Sul, Barra do Trombudo, Bracatinga, Pouso da Caixa, Pouso do Cêsto, Pouso Redondo, o Vale do Rio Pombinhas até a capela, depois se transpõe para o Alto Vale do Rio Morcegueira já na Serra do Ilhéu e contorna o Morro do Funil pelo sul.

Rio do Sul (SC), junho de 1967.

---

---

## Fundação Odebrecht na Alemanha

Andreas Christian Odebrecht e Johanna Odebrecht por testamento legaram sua fortuna a obras de beneficiência e fundações na cidade de Greifswald, cidade bêrço dos Odebrecht. Andreas Christian Odebrecht ou Andreas 4º. é filho de Andreas 3º., neto de Andreas 2º., bisneto de Andreas 1º., e tataraneto de Paul Odebrecht, sendo êste, comprovadamente, o patriarca da grande família Odebrecht na Europa e no Brasil. Andreas 4º. foi jurista, nasceu em I-VIII-1756 em Greifswald e faleceu aí mesmo em 26-VIII-1831 como membro do tribunal real de apelação. Sua espôsa, Liboria Laxius, faleceu em 1855.

Johanna Odebrecht foi sobrinha de Andreas 4º., filha de Johann Hermann Odebrecht (jurista, protosíndico e burgomestre de Greifswald, viveu de 21-IX-1757 até 21-I-1821) faleceu em 1856.

Em carta de 16 de novembro de 1967, endereçada ao signatário desta nota, o reitor da universidade "Ernst Moritz Arndt", da cidade de Greifswald na República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), Professor Dr. Med. Habil Werner Scheler escreve o seguinte: "...todo aquêlo que estuda a história de Greifswald, seu desenvolvimento espiritual e cultural, depara constantemente com o nome Odebrecht. O nome Odebrecht foi eternizado com o grande prédio da Fundação Odebrecht, situado na Rua Gützkower Landstrasse, e que atualmente abriga dependências da Universidade além de secções da Igreja Evangélica. A valiosíssima (überaus wertvolle) biblioteca da família Odebrecht foi administrada até 1964 pela biblioteca da universidade, data em que foi entregue ao arquivo municipal de acôrdo com os preceitos testamentários".

Colaboração do Dr Rolf Odebrecht

---

---

Os federalistas, ou "maragatos" deram aos "pica-paus", partidários de Floriano Peixoto, na Revolução de 1893 também o apelido de "lambisas".

# REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Uma das temporadas mais turbulentas que a nossa pequena cidade natal viveu, foi aquela em que lá estavam acampados os engenheiros e os operários encarregados de fazer a exploração e as medições preliminares para a locação da linha Blumenau-Itajaí, da Estrada de Ferro Santa Catarina. Os engenheiros hospedaram-se no único hotel existente em Gaspar e os operários ficaram alojados em barracas e ranchos localizados perto da estrada. Erguiam as suas barracas nos pastos à margem da estrada, com ou sem o consentimento dos proprietários.

Naqueles meses, Gaspar assumiu um aspecto inteiramente diferente daquele que nós conhecíamos. Homens estranhos de toda espécie andavam pelas ruas e bebiam cachaça nos botécos, falando uma linguagem com entonação diferente daquela que nos era familiar.

O grupo todo era chefiado por um senhor de estatura avantajada, gordo, bem apessoado, que sempre montava uma grande mula zaina, muito viva e de marcha trotada. Recordo-me bem da admiração que o belo animal causava a todos, embora naqueles tempos os gasparenses não se serviam desta espécie de animal, preferindo os cavalos para a sua montaria e para a tração de seus carros. Este chefe do grupo era o tipo do homem disposto e corajoso, que impunha grande respeito a todos que com ele lidavam. Vestia-se muito bem e usava botas lustrosas e chapéu de barbicacho. Sua mula era arreada com arreios vistosos, prateados, especialmente o peitoral,

as rédeas e a cabeçada, o que certamente causou a inveja de muitos "ginetes", que usavam arreamento simples e quase sem enfeites. O que particularmente chamava a atenção de todos, era o enorme chicote "rabo de tatú" com cabo de prata, encimado por uma regular esfera do mesmo metal e a espada com bainha de prata que êle usava. Mas, havia mais ainda para despertar a atenção dos gasparenses: quando o homem abria o paletó apareciam dois revólveres niquelados de bom porte. Isto, numa terrinha onde ninguém costumava usar armas, onde, quando muito, usavam uma pequena faca, era algo de causar espanto, tanto maior por correr a notícia, que o homem era exímio atirador e sabia "aparar com uma bala, uma laranja atirada ao ar". Quando os operários em suas horas de folga promoviam as suas grandes arruaças, que freqüentemente acabavam com resultados sangrentos, êle desassombadamente entrava em meio dêles, distribuía chicotadas e empunhando a sua grande espada, fazia todos debandar em louca corrida, como se atrás dêles estivesse o demônio. Era necessário ter muita coragem e até mesmo desprezo pela vida para assim proceder, porque todos aqueles aventureiros portavam facas, punhais ou garruchas e outras armas que nos entreveros que armavam, dificilmente permaneciam prêsas às cintas. Cousa curiosa: êsse mesmo homem desassombado e corajoso, quando em reunião com outros sabia manter uma conversa agradável e as suas atitudes eram polidas, quase delicadas, que con-

quistavam a simpatia de todos.

Como sempre acontece quando se constroem estradas de ferro ou de rodagem, aparecem homens de toda espécie para aproveitar a oportunidade de ganhar um bom dinheiro. Também entre os operários que então apareceram em Gaspar, havia os das mais variadas procedências e origens étnicas, alguns verdadeiros tipos de aventureiros, dispostos a tudo, que constantemente provocavam brigas e ameaçavam a todo mundo; outros eram pacatos e ordeiros e alguns poucos traduziam pelo seu comportamento, que já haviam vivido dias melhores.

Diziam, que o engenheiro chefe da exploração do traçado para a via férrea, era filho do chefe geral do grupo, ao qual acima me referí. Não sei se é verdade mas o que sei, é que êle era um homem ainda bastante moço, de maneiras muito distintas e sério, que conquistava a amizade de todos que com êle privavam. Sempre que possível, eu dêle me aproximava quando êle estava em serviço, para observar mais de perto o que êle fazia com aquele bonito instrumento, que depois eu fiquei sabendo que era um teodolito. Algumas vêzes êle deixava-me olhar cousas distantes através da mira do aparelho e explicava-me como o êle funcionava. Tudo isto muito me agradava, assim como em todo êsse movimento da exploração do traçado para a via férrea, eu só via as cousas bonitas e pitorescas, para mim absolutamente inéditas, especialmente no que diz respeito aos muitos homens estranhos, tipos todos êles bastante diferentes daqueles que até então eu conhecia em Gaspar.

O traçado para a locação da estrada de ferro passava rente à cosinha de nossa casa, um com-

partimento separado da casa, porém, a ela ligado por uma passagem coberta. Isto, de certa maneira aborreceu a meu pai, porque, se aquele fôsse o traçado definitivo, nossa casa teria de ser demolida. Isto não foi necessário, porque, mais tarde, depois de terem explorado três traçados, a linha da estrada de ferro foi construída em local outro, bem mais distante de nossa casa. É bom que aqui se recorde: a construção desta via férrea ficou concluída quase cincoenta anos depois de terem sido procedidas as primeiras explorações para a sua construção.

Creio, que os tempos da primeira exploração para a construção da via férrea entre Blumenau e Gaspar, foram os que mais se gravaram na mente de todos, quando recordam a história desta construção. Como já disse, entre os homens que lá se demoraram durante o período da exploração, havia numerosos elementos aventureiros, turbulentos que promoviam desordens, tumultos, rixas e brigas e que punham em desassossego toda a população de Gaspar. Quando essas desordens engrossavam, aparecia o chefe da turma para pôr fim às mesmas. Tal era a sua fama de homem valente e enérgico que raramente os desordeiros resistiam à sua intervenção, pondo-se em debandada logo que aparecia. Assim mesmo, muitos foram os que apanhavam surras formidáveis, o que lhes tirava todo o entusiasmo para prosseguir com as brigas. O que causou espanto a todos, foi o fato de nunca um desses homens perigosos tentar agredir o chefe, armar-lhe tocasias ou emboscadas para liquidá-lo. Por tudo isto, foram muitos os que opinavam que o homem tinha um anjo da guarda muito forte ou então tinha "o corpo fechado"...

O pior em tudo isso, foram as constantes molestações que as famílias em Gaspar sofriam da parte desses homens, especialmente as que residiam fora do centro e nos bairros. Apareciam em pequenos grupos nas propriedades com o pretexto de comprar alimentos. Depois de servidos, esqueciam-se de pagá-los. Desta maneira, muitos foram os que sofreram prejuízos, vítimas das ladroeias e facalturas. Foram especialmente os donos dos alambiques para a produção de aguardente, então muito numerosos na região, os que se queixavam das importunações desses homens, que à viva força queriam que lhes fonecessem cachaça. Outros queixavam-se do desaparecimento de galinhas e porcos e outros animais domésticos de pequeno porte. O delegado de polícia prometia pôr um fim nisto, mas como não dispunha de força policial para fazer valer a lei, tudo ficava como estava, porque o delegado, homem prudente, não os enfrentava pessoalmente, porque tinha mulher e filhos que dele precisavam... Certa ocasião, quando se realizava um baile público, alguns desordeiros lá apareceram e promoveram grossa desordem. Quebraram os lampiões do salão e começou uma grossa pancadaria. No final, um dos desordeiros jazia no chão com o ventre rasgado e os intestinos à mostra. A confusão foi grande e ninguém fi ou sabendo, quem foi o autor do crime. Naquele dia o chefe estava ausente e todos foram unânimes em afirmar que, estivesse êle presente, não teria havido briga nem defunto. A população de Gaspar, já bastante aborrecida com tais acontecimentos, importunações, ameaças e as malandragens desses ádvenas, mais chocada ainda ficou com esse trágico acontecimento. Quando o

chefe voltou, solicitaram a êle, que pusesse fim aos abusos dos desordeiros. Cousa interessante: o homem corajoso e valente, não se alegrou com a atitude dos gasparenses. Cortezmente pediu-lhes desculpas pelo que estava acontecendo e explicou-lhes as dificuldades com que se via a braços para manter ordem entre um grupo de homens entre os quais tantos aventureiros se encontravam. Prometeu, que logo tudo teria fim, pois a turma devia ser retirada de Gaspar para um novo acampamento, distante da cidade. Assim aconteceu e Gaspar voltou à sua calma habitual.

Agora, decorridos muitos anos, quando recordo os acontecimentos acima descritos e depois de ter conhecido, por êste Brasil afora, localidades onde as desordens e a falta de autoridade eram uma constante, tudo isso que aconteceu em Gaspar naquele tempo e que tão pouca duração teve, me parece insignificante. Mas conhecedor que sou da mentalidade de meus pacatos conterrâneos, posso bem imaginar o quanto se aborreceram com a presença dos aventureiros que integravam a turma de operários que trabalhavam na locação da estrada de ferro. Tudo tem seu tempo e o que então aconteceu, foi nada mais nem menos, do que o fruto da pouco desenvolvida época, no que diz respeito à civilização e à cultura. Outros lugares existem, que muito mais sofreram com a presença dos desordeiros e Gaspar pode vangloriar-se de nunca ter sofrido as perseguições e os massacres de bandoleiros profissionais que ainda hoje infestam muitas localidades do interior, assaltando-as, escorraçando pacíficos proprietários de suas propriedades, para se apode-

rar de seus bens. E quando hoje assistimos os célebres filmes americanos, do tempo das conquistas do Oeste, da construção das estra-

das de ferro de penetração, chegamos à conclusão de que tudo o que acima descrevì, não passa de brincadeira inocente...

---

---

## TIROS DE GUERRA E UM BENEMÉRITO

Criados para facilitar a instrução militar da mocidade do interior do país, principalmente daquela ligada às lides agrícolas e pastoris e cujo afastamento do campo de suas atividades se mostrava grandemente prejudicial à economia nacional, os Tiros de Guerra prestaram, incontestavelmente, grandes serviços.

Na cidade de Blumenau existiram dois: um, o de número 475, criado em 1919 e o 232, anexo ao Colégio Santo Antônio e destinado à instrução militar dos alunos desse estabelecimento de ensino.



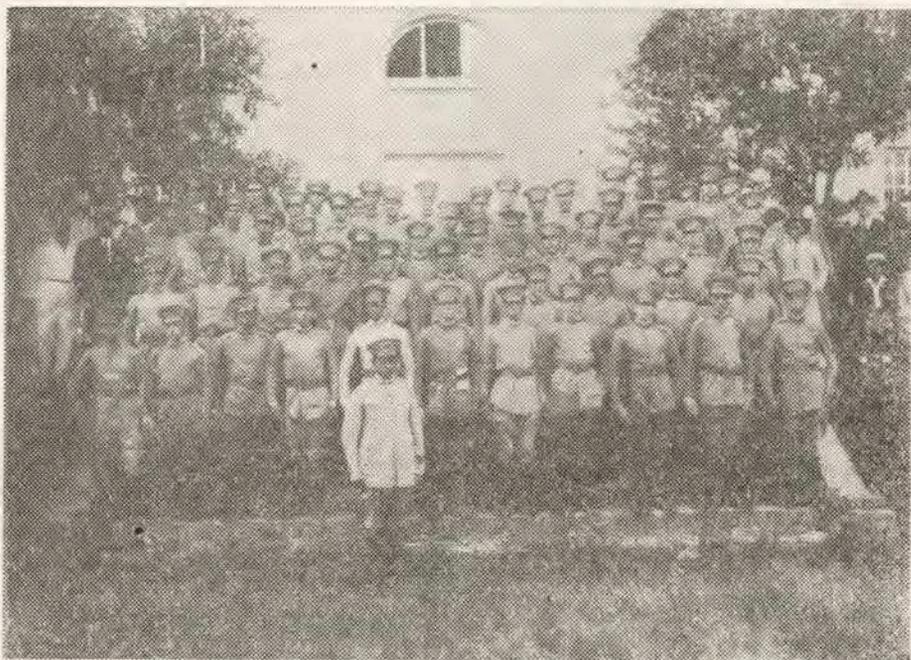
João da Mata Pereira Gomes, nos áureos anos de sua atuação como instrutor dos Tiros de Guerra de Blumenau, como Chefe da Junta de Alistamento Militar e Delegado Especial de Polícia do nosso Município. Sua atuação, em todos esses cargos, foi serena, humana, patriótica. Vive, hoje, nos seus 76 anos de idade, cercado do respeito e da estima que bem merece.

O Tiro 475, cujo primeiro inspetor e instrutor foi o sargento Ivo Toledo Cabral, teve, de início, grande número de matrículas, despertando o entusiasmo dos moços que primavam por mantê-lo, pelo seu garbo e disciplina, entre os mais bem treinados do país. Mas, como tôdas as iniciativas que não cõntem com o permanente cuidado e o desvelado interesse dos responsáveis pela sua existência, o Tiro começou a declinar para uma quase completa inatividade.

Entretanto, em 1927, durante o governo do saudoso prefeito Curt Hering, foi êle reestruturado, eleita nova diretoria, tendo recebido novo inspetor e instrutor na pessoa do sargento João da Mata Pereira Gomes, que já orientava as atividades do Tiro de Guerra 232, criado pelo decreto de 20 de maio de 1926, com sede no Colégio Santo Antônio.

Com o novo instrutor, tanto êste último Tiro, como o de número 475, iniciou uma fase de franca recuperação, de extraordinário progresso. Durante mais de 14 anos consecutivos, João da Mata dedicou-se de corpo e alma às duas escolas de instrução militar. Foi, para elas, uma verdadeira providência, tanto desdobrando-se em esforços para o aprimoramento dos alunos, no tocante à instrução, como auxiliando, a custo mesmo de sacrifícios pecuniários particulares, a inscrição dos menos favorecidos, assim concorrendo para manter a existência das duas escolas de tiro sempre atuantes e sempre recomendáveis pelo seu aproveitamento e pelos serviços prestados à Coletividade.

João da Mata, nascido em 3 de setembro de 1892, verificou praça em 1911, no antigo 49 B. C., tendo feito, durante 3 anos, a Campanha do Contestado, na luta contra os fanáticos que, durante muito tempo, enlutaram os sertões do planalto catarinense e paranaense. A atuação da unidade a que pertencia, verificou-se, justamente, onde mais perigosa e acesa ia a revolta,



Os tiros de Guerra 232, anexo ao Colégio Santo Antônio e 475, da Cidade de Blumenau, comandados pelo então primeiro sargento João da Mata Pereira Gomes, em ocasião de exercícios conjuntos, no Bairro do Garcia. Entre os então atiradores, encontram-se grandes industriais, políticos, comerciantes e homens de destaque na atual sociedade blumenauense, como Ingo Hering, Cássio Meeiros, Max Puetter, e muitos outros.

o Vale do Rio do Peixe, entre Pôrto União e Cruzeiro do Sul, atual Joaçaba. Em outubro de 1927 veio para Blumenau, encarregado de instruir e dirigir os dois Tiros de Guerra. Nessas funções, soube conquistar não apenas a estima e o respeito dos seus comandados como, igualmente, a confiança irrestrita das autoridades administrativas do Município e das militares a que estava subordinado.

Em 1941, aceitou o convite da 16<sup>a</sup>. Chefia de Recrutamento, e foi nomeado Chefe da Junta de Alistamento Militar de Blumenau. Exerceu essas funções até 1946. E o fez com verdadeiro espírito público, de cooperação com as autoridades e, sobretudo, de humanidade. Auxiliava os convocados, orientando-os na maneira de melhor cumprirem com o seu dever, ajudando-os nas suas dificuldades, aconselhando-os e, até mesmo, suprindo-os de recursos pecuniários, quando de todo necessitados.

Tendo se radicado em Blumenau, aqui constituindo família, João da Mata não pôde deixar de prestar a sua contribuição à Comunidade. Assim é que, em 1961, já na reserva, no posto de 2<sup>o</sup>. Tenente, assumiu as funções de Delegado Regional de Polícia da Comarca. Nesse encargo, teve oportunidade de, mais uma vez, demonstrar as suas excelentes qualidades de homem ponderado e justo. Jamais confundiu interesses pessoais com o desempenho da espinhosa missão de manter a ordem pública. Entretanto, jamais deixou de usar de energia, quando esta se fazia necessária no combate à desordem o ao crime, sem contudo exorbitar dos limites do respeito devido à pessoa humana, mesmo quando se tratasse de infratores dos códigos e dos bons costumes.

Fiel aos princípios que assimilara nos quartéis e às regras da ética profissional, não acumulou vencimentos, tendo optado pelos que já vinha recebendo como militar. Sem aproveitar-se de oportunidades em que poderia, sem desdouro, obter proveitos do cargo que lhe fôra confiado, teve, antes, muitas e muitas vezes, que tirar recursos de seus próprios vencimentos para adquirir gasolina e outros materiais para os veículos da Delegacia, minguada de recursos para atender aos chamados urgentes e distantes, ou para dar melhor e maior assistência à população que nêle confiava.

Também no exercício das funções de Delegado Regional, João da Mata não opôs resistência aos generosos ímpetos de seu coração que, como instrutor dos Tiros de Guerra, nas marchas que, muitas vezes, tinha que fazer com a sua tropa, por dezenas e dezenas de quilômetros e para as quais êle levava, sempre, um suprimento extra de sanduiches para os atiradores que, mais pobres, nem sempre podiam levar muita coisa para os acampamentos, ou como, quando Chefe da Junta de Alistamento, pagava de seu bolso sêlos e emolumentos devidos por certidões e atestados para convocados pobres e reservistas sem recursos financeiros.

Como Delegado Regional, manifestava sentimentos de compaixão para com os presos da Cadeia Pública, amenizando-lhes, sempre que possível, a amargura da sua sorte, tornando-lhes os dias de reclusão menos penosos.

Já com mais de 41 anos de residência em Blumenau, João da Mata fez-se, assim, alvo da estima, do respeito e da consideração de todos.

Vivendo, hoje, retirado das atividades públicas, em merecida reforma, nos seus 76 anos de idade, João da Mata pode, justamente, orgulhar-

se da missão que cumpriu entre nós, nobre e generosa. Se outro galardão não lhe tocar pelo muito que fez por Blumenau, êle poderá estar certo de que terá, sempre, a gratidão e o reconhecimento eterno dos blumenauenses, como o melhor prêmio pelos seus esforços, os seus sacrifícios, a sua dedicação e o seu civismo em prol dos superiores interesses da Comunidade em que se integrou.

---

---

## ESTANTES DOS "CADERNOS"

*PLANTAS NO NT.* - Padre Raulino Reitz - 40 páginas, formato 11,5 x 15,5 cm. Tipografia Blumenauense, Blumenau. 1968 — O conhecido e notável botânico, Padre Raulino Reitz festejou, recentemente, o 25º. aniversário de sua ordenação sacerdotal. E para comemorar a data, deu à publicidade um interessante trabalho sobre as plantas que vêm citadas nos textos bíblicos. E o faz não só com a autoridade de verdadeiro conhecedor da botânica, que êle é, como dando às explicações científicas um tom agradável, atraente que torna o livro de leitura amena, que encanta. Com êsse trabalho o Padre Reitz vem enriquecer o já volumoso acêrvo da literatura catarinense sobre botânica, em respeitável parte devido à pena do digno sacerdote, e, igualmente, acrescentar de mais um precioso livro a bibliografia do Vale do Itajaí, em cuja comunidade êe se acha integrado há muitos anos. O Padre Reitz, ao contrário dos demais aniversariantes, que costumam receber lembranças dos seus amigos e conhecidos, dá, a êstes, no seu jubileu de prata, um presente magnífico. Somos muito gratos ao Padre Reitz pelo exemplar com que nos mimoseou e fazemos votos para que S. Revma., na viagem que anuncia, para breve, ao Extremo Oriente, á Palestina, especialmente, encontre, não só as alegrias naturais que as novidades proporcionam aos turistas, mas colha também elementos para, no seu regresso, regalar-nos com novo trabalho sobre as suas experiências e emoções na Terra Santa e, inclusive, sobre as próprias observações da vegetação da Terra que Cristo santificou com a sua presença física.

---

---

### — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 5,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

## VISITA A UM MUSEU

Celso LIBERATO

Depois de breve diálogo à saída do Museu da Família Colonial, José Ferreira da Silva, seu zeloso diretor, alveja-me com este pedido: "um artigo para o Museu".

Defendo-me com a sabedoria daquele velho ditado segundo o qual "Quem tem bôca não manda soprar".

É que ninguém melhor que Ferreira para falar de sua própria obra.

Mas sai-me com a desculpa carregada de razão, de que já muito escreveu sôbre o assunto.

Daí o atendimento do pedido.

Coincidentemente, fica o Museu numa velha casa de feição colonial, na histórica Alamêda das Palmeiras. A rua do Teatro Froshsinn, a rua do velho Zittlow. Nos fundos da casa, o parque florestal, à margem do rio Garcia.

Orientado por um jovem e prestimoso auxiliar do diretor do Museu, visito as várias salas que guardam valiosas coleções de coisas antigas.

No conjunto de peças e no copioso documentário, estão escritos os primeiros capítulos da História de Blumenau.

Tudo ali fala alto e claro de um passado de lutas, de trabalhos ingentes, de sacrifícios heróicos.

As pilhas de livros do Dr. Blumenau, fundador da Colônia. As notas e os livros do seu velho companheiro Victor Gaertner. A cadeira de palhinha do sábio Fritz Müller. O cofre de ferro da Colônia, notável pela rusticidade de seu acabamento. Instrumentos de trabalho. Objetos de uso dos primeiros emigrantes.

Além de peças ornamentais de rara beleza.

Candelabros e móveis antigos, quadros e porcelanas, leques e jóias das antigas damas de Blumenau, velhas espadas vitaliciamente aposentadas de ruidosas refregas cívicas.

Enfim, uma bela e palpável visão de tempos já longínquos. Um reencontro com o passado.

Saimos para o parque sob o canto dos pássaros.

Estamos em plena floresta. Um trecho de mata virgem a dois passos da Prefeitura. Cedros veneráveis. Belas palmeiras. Rêdes de fôlhas e flôres a ensombrar os caminhos. Um desafio de frescura vegetal ao calor reinante.

Feito de ripas e coberto de palmas, pequeno rancho recorda as primeiras habitações dos primeiros emigrantes.

Nem os gatos de estimação da benemérita doadora dos móveis do Museu D. Edith Gaertner, foram esquecidos. Ali jazem, em campas improvisadas, com seus nomes assinalados por letras de metal polido.

Corrente é ouvir-se que "O passado passou".

Mas no Museu da Família Colonial o passado não passará. Pelo menos enquanto entesourar tantas lembranças e relíquias de outros tempos, desveladamente guardadas por esse mestre de cerimônias cívicas, que é o historiador José Ferreira da Silva.

Em a propósito, ainda ressoam no ar as palavras de Paulo Setúbal em seus "Ensaio Históricas":

"O amor do passado, o relembrar carinhoso da tradição a evocar datas e feitos e apoteosar heróis, são os nós eternos que amarram as gerações umas as outras".

Sai-se do Museu com o pensamento no passado. De olhos postos na comunidade de outrora. Na vida de antigamente com os seus problemas e as suas esperanças. No trabalho duro e suado dos bravos pioneiros da Colônia Blumenau.

# A Pacificação dos Indígenas de Santa Catarina

Dr. Paulo ALDINGER

(Tradução de J. Ferreira da Silva, do original publicado em «Kalender fuer die Deutschen in Brasilien», de 1918).

Em agosto de 1914, exatamente quando irrompia o incêndio da primeira guerra mundial, aconteceu em Santa Catarina o feliz epílogo de uma luta secular, a verdadeira guerra dos bronzeados filhos das selvas contra os colonos brancos. Já se havia passado a acreditar numa boa solução, pois, por ali, andavam a mocidade corajosa e a atividade entusiástica do Serviço Federal de Proteção aos Índios, desde que um dos seus funcionários pensou em entrar em contato com os selvícolas, de peito nú e de mãos abanando e vazias, indolhes ao encontro com gestos e sinais de amizade.

Com isso, quebrou-se o gêlo. O trabalho árduo que, anos antes, haviam suportado o capitão Vieira de Rosa e, depois, os senhores Manoel Miranda e o dr. Raoul Abbott, com grandes sacrifícios e dificuldades, chegara ao fim.

O dramático feito teve lugar no Rio Plate, um afluente do Rio Hercílio, no Pôsto de atração que ali fôra instalado, no perímetro da Colônia Hansa, 20 Km. acima dos derradeiros colonos já estabelecidos. Como acontecera, há dois anos atrás, no Alto Rio Krauel, também o Pôsto de Rio Plate fôra atacado pelos indígenas, justamente quando eram poucas as pessoas que o guardavam, as quais foram postas em fuga e depois do que roubaram tudo do que precisavam, quebrando e destruindo o restante e pondo fogo às construções. No local em cinzas, deu-se depois a feliz aproximação. Eduardo foi chamado às pressas. Na ocasião êle se encontrava em Hammônia. Dos índios, que se encontravam ainda nos arredores do Pôsto incendiado, o primeiro que se aproximou aos chamados e gestos de amizade, foi uma mulher que pediu lhe dessem uma panela.

Os indígenas, reconhecidos pelo batoque que trazem no lábio inferior, pertencem, pelo idioma, à tribo dos Kaingangs, ou Coroados. Eduardo tinha conhecimentos dessa língua e tinha consigo também alguns coroados mansos.

As relações, que então foram estabelecidas, começaram, e ainda assim permaneceram por muito tempo, sob grande desconfiança por parte dos indígenas. Constatou-se, ao contrário do que se afirmava, que se tratava de legítimos selvagens e não de coroados já mansos do Paraná. Como os brancos tivessem se despedido das armas, os bugres apanharam as espingardas, os "tibus", como êles as chamavam, jogaram-nas no rio, ou escenderam-nas nos matos e, julgando-se senhores do Pôsto, comportavam-se de maneira muito atrevida de sorte que a obra de aproximação correu perigo de perder-se totalmente. A situação tornou-se mais crítica ainda, quando os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios ficaram por receber as respectivas verbas por meses seguidos e os meios que tinham à disposição iam escasseando sempre mais. Mas, também, nesse caso, a paciência conseguiu superar os entraves. Do Rio veio, enfim, o dinheiro e a licença para que os homens do Pôsto pudessem andar armados. E quando os bugres novamente se tornaram arrogantes e atrevidos, Eduardo mandou que sua gente desse uma salva de tiros para o ar, fazendo com que os indígenas fugissem para o mato; mas já no dia seguinte, regres-

saram e passaram a comportar-se melhor. Depois disso, o acampamento tornou-se mais seguro. O Pôsto foi reconstruído; para os funcionários foi edificada uma vistosa casa de moradia bem como acomodações para os operários em redor das quais foram feitas grandes plantações. De quando em vez, os bugres também trabalhavam, mas mais por curiosidade que por perseverança. Apenas uma parte dêles permaneceu no Pôsto; os outros perambulavam pelos matos, caçando e colhendo frutos. Para os velhos é difícil demais deixar, assim de repente, a vida antiga; os moços preferem muitas vêzes ficar no Pôsto, mas são obrigados pelos pais a acompanhá-los nas suas incursões pelos matos. No Pôsto, os indígenas, vivem num grande rancho feito para êles próprios; mas nas imediações êles têm mais um acampamento no qual, só muito a contragosto êles permitem a entrada de brancos.



Dois belos representantes dos botocudos do Vale do Itajaí, na época da pacificação, de que trata o presente artigo do Dr. Paulo Aldinger. Este, com o Dr. Hugo Gensch, foi dos mais destacados partidários da catequese, leiga ou religiosa, combatendo, tenazmente, pela imprensa da época, os métodos usados pelos colonizadores que aconselhavam a aniquilação do genio, a sua destruição completa, afastando, assim, pela violência, esse grande impedimento ao desenvolvimento da colonização da região. Tanto Paulo Aldinger, quanto Gensch sofreram dura campanha contra as suas idéias humanitárias.

Grande trabalho custou convencê-los a deixarem-se fotografar. Depois disso, como um dos seus tivesse ficado doente, êles acreditaram piamente que fôra bruxaria da "caixinha prêta". Depois êles se acalmaram, mas só posavam quando houvesse junto também branco.

Êles são ávidos por roupas e cobertas, mas fazem, com estas, como as crianças: despresam nas logo e as deixam, preferindo andar à sua moda: os homens com um cordel rodeando os quadris e as mulheres com uma espécie de avental de fibra. Só u'a mulher, com o sonoro nome de Anosima, vestia-se seguidamente como as brancas, depois que ela se casara com um bugre manso. Ela teve que fazer também uma viagem de núpcias até Hammônia. Acompanhada de Eduardo, ela não estranhava nada, mostrando-se corajosa. Assim, embarcou na carroça, entrou em casas e quartos, viu e até embarcou num vagão do trem de ferro. Entretanto, essas coisas tôdas não a impressionavam muito, pois tinha pouco entendimento para compreendê-las. Entretanto, não escondia o seu contentamento quando via o muito gado nos pastos dos colonos e não podia compreender como é que por todo aquele paraíso de gado não via gente esfolando bois e comendo lhes a carne.

Na Colônia Hansa, a maior fonte de renda é a criação de gado leiteiro. Em quatro fábricas de lacticínios o leite é transformado em manteiga e queijo.

Quando os indígenas pretendem banquetear-se em algumas das suas festividades, não lhes deve faltar a carne, o pinhão, que é o seu pão, e a cerveja. Para o preparo desta última, êles escavam troncos de madeira, arranjando uma espécie de tónel. As mulheres mastigam bem o milho e depois cospem-no nesse tónel, onde êle fermenta tal como fazem, por exemplo, em Samos, na fabricação do "Kawa-Bowle".

Uma festividade importante é quando as crianças de 2 a 3 anos recebem o botoque, depois de terem o lábio inferior perfurado. As festas são sempre realizadas na lua cheia. Quanto a alimentação, os indígenas já se vão acostumando com os alimentos dos brancos. Êles não conheciam o sal e, de princípio, recusavam qualquer alimento salgado; também o teijão lhes era desconhecido bem como a maneira de prepará-lo. Açúcar, farinha de mandioca e, sobretudo, o milho são muito da sua preferência.

O mais significativo sinal da sua aparente cultura, que, como a de todos os agrupamentos tribais nômades, está em grau muito baixo, são os seus grandes arcos e flechas, lanças e o porrete de quatro faces. Em vez das antigas pontas de flechas de pedra, êles passaram a usar as de ferro, desde que conseguiram apoderar-se de utensílios desse metal. Essas pontas eram trabalhadas com muita habilidade, especialmente as que faziam de lâminas de serras. Não conhecem a cerâmica, ou perderam a noção dela (enterrados no solo ainda se encontram muitos cacos de cerâmica dos tempos antigos). Como recipientes êles tecem cestos de taquara, ou as bainhas das fôlhas de palmeira. De fibras muito duradouras êles fazem cordas. A sua atenção se fixa particularmente nos antepassados, que julgam orientá-los, nas aves que sobrevoam os ares, nas trilhas e pegadas de caça que encontram. Entre êles, comportam-se muito bem. Sôbre lendas, crenças religiosas, atos e cerimônias relacionadas com o nascimento, casamento, morte etc. ainda não foi possível obter dêles nada de seguro; êles se comportam, nesses particulares, tal como os povos semelhantes, em grande atraso, mas apresentam sinais de que, em matéria de magia, situam-se entre as tribos mais adiantadas. Sôbre isso, serão dados, mais tarde, melhores esclarecimentos.

Uma tribo de índios completamente selvagens, que nãr pratique a agricultura, embora rudimentar, que viva só da caça (também de larvas e ver

mes, mas nunca de pesca), dos frutos e raízes, dificilmente poderia viver na região de florestas que ainda tem à sua disposição, se não a integrasse apenas um pequeno número de membros.

Igualmente ainda não foi determinado o número de almas; deve andar pelas 200. Segundo informação dos índios, um grupo separara-se deles depois de se haver desentendido com o outro. Segundo parece, os mais recentes assaltos, ocorridos em meados de maio de 1916, são atribuídos a êsse grupo separado.

Muitos leitores hão de perguntar qual será a orientação do govêrno, através do Serviço de Proteção ao Índio, a respeito do futuro da catequese leiga, depois que êle superou a fase mais difícil, estabelecendo relações amistosas com os selvagens.

Os principais planos para essa pacificação são trazer os ainda selvagens para o convívio dos já meio civilizados e dos empregados do Pôsto, sem forçá-los por qualquer meio, e muito menos pela violência e, assim, conquistá-los para a civilização e, paulatinamente, integrá-los na comunidade brasileira. Uma tribo de tão reduzido número de membros, será fácil de ser inteiramente conquistada. Êsse processo é, aliás, por isso mesmo, preferível já que a Hansa há muito tempo não é mais, como no princípio, uma colônia puramente alemã, mas justamente no Alto Rio Hercílio, pelas cercanias do Plate, estabeleceram-se muitos brasileiros de diferentes ascendências e côr da pele.

Com o correr dos tempos, dar-se-á, espontâneamente, a infiltração religiosa dos católicos romanos, nesse grupo populacional. Os protestantes de língua alemão, residentes no país, não têm mais razão alguma de se envolverem no assunto, depois da maneira como êste foi resolvido. Outra seria a situação se a obra de pacificação se devesse aos esforços missionários dos evangélicos. Mas a catequese evangélica dos indígenas, permaneceu, apenas como um simples episódio no Rio Grande e os evangélicos de Santa Catarina e as suas comunidades religiosas, não acharam o exercício dessa catequese como um dos seus deveres cristãos.

Aqui se usou mais a pólvora e o chumbo como os melhores meios de pacificação; quem contra isso se insurgisse era grosseiramente atacado. Para quem já leu o livro de Bayerlein 'Nas matas virgens, com os índios vermelhos' (na América do Norte) não lhe pareceria impossível que os alemães evangélicos também pudessem com paciência, coragem e abnegação levar a bom térmo, igualmente aqui, um bom plano missionário.

---

A 19 de fevereiro de 1891, fundou-se em Destêrro, capital da Província de Santa Catarina, o Partido Federalista que, nos dois anos seguintes, representaria importante papel na vida político-administrativa de Santa Catarina, integrando as hostes contrárias ao Marechal Floriano Peixoto. Foram figuras de proa na organização dêsse Partido Severo Pereira, Eliseu Guilherme da Silva, Fernando Hackradt (filho do sócio do Dr. Blumenau) e vários outros.

# UM EXCELENTE TRABALHO

"História de Santa Catarina" — Oswaldo Rodrigues Cabral — Plano Nacional de Educação — 342 páginas — Formato 23 x 16 cm. Imprensa Universitária — Florianópolis — 1968

Com honrosa dedicatória, o Professor Oswaldo Cabral muito nos distinguiu oferecendo-nos um exemplar do seu recente trabalho sobre a história da terra catarinense.

Descrevendo, magistralmente, os acontecimentos que constituem os fastos barriga-verdes, interpretando-os com a precisão do pesquisador atento, minucioso, imparcial e honesto que é, Oswaldo Cabral, vem suprir, com a sua "História de Santa Catarina" uma falta que, há muito, se fazia sentir.

Não tínhamos, nos últimos tempos, uma história catarinense atualizada, capaz de atender às exigências do ensino dessa disciplina, tanto nos cursos primário, secundário e mesmo no superior. Os vários compêndios de história do nosso Estado, até aqui publicados, já se encontravam mais que obsoletos, constituindo-se, alguns, em verdadeiras raridades bibliográficas, como é o caso das "Memórias" de Paulo José Miguel de Brito e de Joaquim de Almeida Coelho e dos "Apontamentos á História de Santa Catarina", de Lucas Alexandre Boiteux. O próprio livro com que Oswaldo Cabral estreara, nas letras catarinenses, em 1938 e que merecera parte na "Coleção Brasileira", da Editora Nacional, já entrara para o catálogo das obras esgotadas e raras.

Dado o notável desenvolvimento do ensino e as conseqüentes e novas orientações pedagógicas a que o mesmo está sendo subordinado, o Governo do Estado não podia mais omitir-se em matéria de tanto significado e de tanta importância, como é o estudo da história regional. E a nenhum outro historiador esse Governo teria, com mais acerto e felicidade, confiado a tarefa de elaborar um trabalho que, ao mesmo tempo que fôsse fiel no registro dos fatos, fugisse às considerações pessoais, a comentários nem sempre próprios e que, muitas vezes, dando asas á imaginação do escritor, traem a realidade histórica, do que ao Professor Oswaldo Cabral.

Sem dúvida alguma, o maior conhecedor da história catarinense, culto e profundamente honesto, Oswaldo Cabral fez um trabalho digno do nome que justamente, já conquistou nos meios intelectuais do país e até mesmo do exterior.

A "História de Santa Catarina", com que o Professor Oswaldo Cabral enriquece, agora, as letras catarinenses, e com que presta assinalado serviço a professôres e alunos e a quantos se interessem pelas coisas do nosso passado, tão cheio de glórias, é, realmente, um esforço digno de mestre. Do mestre inteligente, douto e respeitado pelo seu saber, pela inteireza do seu caráter, pela delicadeza da sua formação.

É, pois, profundamente bem impressionados com a leitura atenta, que fizemos, da "História de Santa Catarina", que não podemos deixar de registrar, nas páginas destes "Cadernos" - que o Dr. Cabral tem honrado com a sua colaboração - o aparecimento de obra que se fazia tão necessária, imprescindível mesmo, e que vem à luz tão completa e tão perfeita quanto é possível a trabalho dêsse gênero.

E, fazendo o nesta despretensiosa nota, abraçamos o mestre Oswaldo Cabral, felicitando-o efusivamente.



**SUPERMERCADO KOFFKE**  
SEMPRE COM BOAS OFERTAS

**CARLOS KOFFKE S. A.**

TELEGR. «CARLOSKOFFKE» ou «KOFFKE» - Fone, 1177 - Caixa Postal 277

*Capital: NCr\$ 150 000,00*

**B L U M E N A U**

*Rua 15 de Novembro, 55 — SANTA CATARINA*

# GRÁFICA 43 S/A.

INDÚSTRIA & COMÉRCIO

LITOGRAFIA — TIPOGRAFIA — OFFSET — CARTONAGEM  
PAPELARIA — LIVRARIA

A boa qualidade do seu produto atende às  
exigências do consumidor

Nós somos especializados em bem «vestir» o seu  
produto, realçando a sua boa qualidade.

Mas . . . O senhor já pensou em idealizar novas  
«vestimentas»?

Consulte-nos

**B L U M E N A U**

Rua 7 de Setembro, 10 — SANTA CATARINA  
CAIXA POSTAL, 90 — END. TELEGR. «IMPRESSORA»